

## O FORNO CERÂMICO DA CORRELHÃ — PONTE DE LIMA

Por: Carlos A. Brochado de Almeida\*  
João M. Viana Antunes\*\*  
Maria José Carvalho e Sousa\*\*\*  
Rui M. Cavalheiro da Cunha\*\*\*\*

A Correlhã é uma das 51 freguesias do concelho de Ponte de Lima. Está situada na margem esquerda da bacia limiana e é dotada de bons solos agrícolas (Fig. 1).

A freguesia combina unidades geológicas de aluvião recente com depósitos de terraço fluvial plistocénico, cuja altitude oscila entre 20-25 metros. A sua veiga, integrada na região baixa da Ribeira Lima que foi acumulando lodos, areias e cascalhos, distingue-se assim da grande mancha granítica de grão médio que caracteriza maioritariamente a composição do solo da zona.

A toponímia da região mistura vestígios de outrora como «Anta» e «Paço» com manchas vegetais mais ou menos trabalhadas ou descaracterizadas tais como «Bouça», «Souto» ou «Agra». A cristianização da terra está bem patente nas românicas Santo Abdão e igreja paroquial.

Correlhã é terra de barro. «Barros», «Barrô», «Barral» e «Barreiros»

---

\* Instituto de Arqueologia da FLUP.

\*\* Licenciado em História pela FLUP.

\*\*\* Licenciada em História pela FLUP.

\*\*\*\* Licenciado em História, variante de Arqueologia pela FLUP.

revelam-nos a abundância deste produto, a sua provável extracção e utilização na construção e artes da cerâmica (Fig. 1,2).

O motivo deste estudo prende-se directa e primordialmente com o uso deste material na Idade Média na confecção de componentes cerâmicos de cobertura habitacional. O forno, que agora se apresenta, foi descoberto no terreno onde se construiu o recente Centro Paroquial e Social da Correlhã (Fig. 2 e Est. I,1), situado no lugar de Pereira — vizinho do lugar de Gândara — junto à estrada Darque/Ponte de Lima.

O achado do forno ficou a dever-se à abertura de uma fossa séptica na parte norte e traseiras do Centro Paroquial (Fig. 2). A máquina utilizada nesses trabalhos removeu a camada de entulho e os restos de saibro que cobriam a câmara de cozedura do forno, chegando a danificar a estrutura e o recheio que a compunham, nomeadamente a parte central da grelha e o imbrex e cerâmica comum ali depositados (Est. I, 2 e II,2).

Prontamente alertados, os Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte<sup>1</sup> procederam aos trâmites necessários para se efectuar uma escavação de emergência no local. Contactado o responsável pelo projecto de investigação naquela zona da bacia limiana<sup>2</sup>, as fases de escavação e limpeza do forno decorreram na última semana de Setembro e nos fins-de-semana seguintes. O forno encontrava-se desprotegido e havia que estudá-lo antes das primeiras chuvas de Outono que podiam acelerar a sua degradação<sup>3</sup>.

Em primeiro lugar foi feita uma limpeza da câmara de cozedura e do recheio que restou da destruição (Est. I,2). Verificou-se que o último carregamento do forno (Fig. 5,2) não tinha sido cozido. Parte dos materiais cerâmicos que tendiam a cair para o interior da câmara de aquecimento foram retirados e tratados com uma solução de polivinilo, para obstar ao estado precário em que se encontravam.

Simultaneamente procedeu-se à escavação do sector onde se esperava encontrar a boca do forno, bem como à limpeza da câmara de cozedura. Os resultados revelaram a ausência de uma estratigrafia credível e uma construção algo fruste.

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Rev. Padre António Baptista, pároco da freguesia da Facha, pela sua atenção mais uma vez manifestada em defesa da arqueologia da Ribeira Lima. Aproveitamos o ensejo para agradecermos também ao Rev. Pároco da Correlhã as facilidades concedidas e à Câmara Municipal de Ponte de Lima todo o apoio prestado.

<sup>2</sup> Carlos Alberto Brochado de Almeida, assistente da FLUP.

<sup>3</sup> A equipa de escavação, além dos signatários, foi constituída por Paulo J. Costa Pinto, Cláudio Roberto Laranjeira Brochado e Pedro Miguel Dias Brochado de Almeida.

## 1. Estratigrafia

O único elemento estratigráfico que conseguimos documentar (Fig. 3,3) tem mais a ver com a construção do forno que propriamente com as deposições contemporâneas e/ou posteriores. Estas foram completamente destruídas pela máquina que procedeu ao rebaixamento do solo (Est. I,1) para a construção do Centro Paroquial e os escassos dados conservados encontram-se misturados e fora de contexto.

Dos três estratos conservados podemos dizer que o 1 é uma heterogénea camada de terra, barro, ímbrices, fragmentos de tégula e cacos de produção mais recente. Mais seguras são as camadas 2 e 3. A 2, espessa, de barro amarelado e plasticável, resultou da necessidade de se dar uma consistência à parte superior do corredor na sua intersecção com a câmara de cozedura. A 3, integrando algumas pedras, é uma subdivisão da anterior, pois é a camada que mais directamente esteve em contacto com o fogo, daí resultando a coloração avermelhada.

## 2. Forno

O forno compõe-se, essencialmente, de três elementos distintos: corredor, câmara de aquecimento e câmara de cozedura.

### 2.1. *Corredor*

É um dos elementos mais destruídos (Fig. 3,1). Após a remoção do entulho que o cobria, verificou-se que resta somente a abertura, isto é, a ligação com o primeiro arco da boca do forno (Fig. 4,2 e Est. IV,1).

De execução simples, cavado no saibro amarelo que compõe o terreno, apresenta apenas pequenos restos da parede, de coloração vermelho forte, devido à acção do fogo. Em termos arquitectónicos é rectangular, de tecto em abóbada. O chão está coberto de carvões e cinzas que atingem, na entrada da câmara de aquecimento, uma camada densa de 0,06 m (Fig. 4,1). As dimensões da parte conservada são, respectivamente, de 1,40 m de espessura por 0,77 m de largura, com uma altura máxima de 0,60 m. A espessura da camada de saibro vermelho é de 0,04 m.

O corredor não tinha pedra incorporada nas suas paredes. Todavia, durante a fase de limpeza, apareceram caídas no interior algumas razoavelmente aparelhadas, que poderiam provir de um reforço da calota superior da cobertura ou mesmo delimitar a entrada que, desta maneira, se tornaria mais sólida. Mas em função da ausência de outros testemunhos

pétreos similares nesta zona de escavação, aqueles levam-nos a formular a hipótese de um reaproveitamento de material de uma anterior construção situada nas imediações.

Com tais dados, dificilmente se poderá reconstituir a entrada do corredor, que tanto podia ser frontal à boca da câmara de aquecimento, como situada na parte lateral direita, já que restos de saibro vermelho pertencentes à parede indiciam uma orientação nesse sentido (Fig. 3,1).

Um facto a destacar é o grande desnível existente entre o corredor e o interior da câmara de aquecimento. O corredor apresenta-se em rampa, cuja inclinação se faz no sentido do interior do forno (Fig. 4,2). É uma situação que escapa à normalidade dos fornos conhecidos e está ausente naqueles que ultimamente temos vindo a escavar. Nestes, a inclinação processa-se em sentido contrário, isto é, na direcção da boca do forno. Um sistema deste tipo colocava os utentes perante uma série de entraves entre os quais avultam a infiltração das águas pluviais e a correcta limpeza dos detritos dos materiais combustíveis.

À entrada, na confluência com a câmara de aquecimento, distinguem-se dois arcos geminados que estão sobre-elevados em relação aos do interior da câmara que sustentam a grelha. Não arrancam de suportes feitos em pedra, mas directamente do saibro que envolve as paredes da boca do forno na sua intersecção com o corredor (Fig. 4,2; Est. II,1 e III,1). Foram construídos com dez tijolos cada e destacam-se 0,12 m acima da grelha. Tal diferença, embora escassa, facilitaria o extravio do ar quente necessário à cozedura caso não estivesse vedada com barro e restos de cerâmica. Assim se poderia garantir a estanqueidade da câmara de cozedura e uma maior solidez no ponto de intersecção do corredor com a boca do forno.

## 2.2. *Câmara de aquecimento*

A câmara tem um formato sub-trapezoidal (Fig. 3,2) com as seguintes medidas: o comprimento ronda os 2 m, a largura oscila entre 1,70 m na parte mais larga e 1,50 m na parte mais estreita e a altura, obtida na zona central e tendo por meta a superfície, atinge 1,50 m, para diminuir para 0,84 m quando aquela contada a partir da parte superior da grelha.

Interiormente é constituída por sete arcos abatidos. Os seus arranques apresentam uma implantação assimétrica e totalizam o número de onze. Em planta, a câmara surge com cinco arranques na parte lateral esquerda e seis na lateral direita. O arco n.º 1 tem dois pontos de sustentação. O lado esquerdo apoia-se na base do arco n.º 2 e está cravado na parede, tendo base própria do lado direito. A partir daqui, os arcos n.ºs 3, 4 e 5 seguem uma trajectória enviezada. Os arcos 6 e 7 estão geminados e do lado

esquerdo da câmara arrancam da mesma base. O n.º 6 partilha, pelos dois lados, as bases do n.º 5 e 7 (Fig. 4,2).

Os arranques são feitos à base de granito informe embora eventualmente possam incorporar pedras reaproveitadas de alguma construção anterior (Fig. 4,2). Exemplo disso é a base do arranque do lado esquerdo dos arcos 6 e 7 onde foi reutilizado um pequeno fuste de colunelo (Fig. 4,2). Várias camadas de argamassa servem de elemento de consolidação destes suportes estruturais e de preparação para o lançamento dos arcos. A arcatura é confeccionada essencialmente com tijolos que foram intermeados e revestidos com barro, que serviu de elemento de fixação da obra executada (Est. III e Fig. 5,3). O número médio de tijolos utilizados em cada arco foi de catorze. Para permitir uma regularização da altura e uma base de sustentação mais eficiente de cada arco, foram colocadas algumas placas de tijoleira e pedaços de tégula sobre as pedras dos arranques (Fig. 4,2).

O espaço entre as bases dos arcos apresenta-se em rampa (Fig. 5, 1 e 3), feita intencionalmente e preenchida com barro que, sob a acção do calor desenvolvido na câmara, foi adquirindo uma coloração acinzentada acentuada pela má limpeza a que esteve sujeita durante a laboração. Esses tramos de rampa, cobertos com barro, foram feitos à base de pedra e pedaços de tégula. Deste modo, garantia-se uma maior solidez dos arcos e facilitava-se a subida do calor à câmara de cozedura.

### 2.3. *Grelha*

Bastante maltratada pelas razões já aduzidas, grande parte da zona central desapareceu juntamente com o derrube dos três arcos que a suportavam e dos quais só restam os respectivos arranques (Fig.3,1; Est. II,1).

É um elemento de execução bastante grosseira. Assenta nos sete arcos da câmara de aquecimento e é feita à base de fragmentos de tégula, tijoleira e algumas pedras, ligadas com camadas de barro. A espessura média é cerca de 5 cm (Fig.5,3; Est. III,2).

Nos espaços inter-arcos foram abertos os buracos da grelha, mais ou menos dispostos em linha perpendicular à entrada do forno, bastante irregulares e que deviam somar cerca de 10 por intervalo, em 7 seqüências. O número total não é certo, devido à violação sofrida e à irregularidade da sua distribuição (Fig.3,1 e Est. III,2). A rusticidade da grelha e respectivo alinhamento dos buracos estão relacionados com o enviezamento dos arcos que não se encontram axialmente perpendiculares à caixa do forno.

## 2.4. *Câmara*

No seu estado actual, a grelha dista do solo entre 0,70 e 0,80 m. A largura e o comprimento são os mesmos da câmara de aquecimento, pois a caixa do forno apresenta as suas paredes com características razoavelmente regulares (Fig. 5,2 e 6; Est. II,2).

Estava cheia de ímbrices, alguns testos e um peso de barro que não chegaram a ser cozidos, devido ao abandono do forno. Os ímbrices estavam dispostos em oito ou nove fiadas alternadas tendo cada fiada à volta de 60 peças. A carga máxima poderia variar entre 500 e 550 ímbrices. Os testos, em número de quatro — um inteiro e três fragmentados — estavam colocados nos cantos (Fig. 5,2) e pousados directamente sobre a grelha. Desconhecemos o local exacto de cozedura do peso, uma vez que foi recolhido entre os materiais que compunham a grelha e sua carga.

## 3. *Materiais*

Como já atrás referimos o forno apresentava ainda a última fornada, não cozida, o que nos permitiu ver o tipo de materiais que iam ser cozidos, sua quantidade e a distribuição no interior da câmara de cozedura.

O grosso dos materiais a cozer era constituído por ímbrices. Os restantes eram quatro testos com a face exterior decorada e um peso de tear. Da estrutura do forno destacamos os tijolos que integravam os arcos (Est. III,1) e um indeterminado número de fragmentos de tégula (Est. V, 5,8 e Fig. 7,3) que estava incorporada na grelha ou se encontrava misturada no entulho que cobria e enchia o arruinado conjunto.

### — Ímbrices

Em número de cerca de meio milhar possuem, sensivelmente, características análogas. A pasta amarelada é de textura grosseira com muitos grãos de areia. Apresentam uma marca de oleiro feita com os dedos e que consta de três sulcos verticais atravessados por dois oblíquos.

Dimensões: 0,36 x 0,18 x 0,02m (Est. V,10).

### — Peso de tear

Tem forma de paralelepípedo, pasta amarelo-rosada, grosseira, com grãos de areia. O orifício, com cerca de 2 cm de diâmetro, foi feito a partir de ambos os lados, do que resultou um arqueamento do mesmo.

Dimensões: altura — 0,20 m; largura — 0,12 m e 0,10 m; espessura — 0,09 m (Est. V,7).

## — Tijolos

Faziam parte da estrutura dos arcos e têm todos mais ou menos as mesmas características.

Pasta grosseira, com muitos grãos de areia e avermelhada devido à acção prolongada do fogo. Formato rectangular.

Dimensões médias: comprimento — 0,22 m; largura central — 0,12 m; largura nas extremidades — 0,10 m; espessura — 0,07 m (Est. V,6).

## — Testo

Peça completa provida de asa com orifício sub-circular. Pasta amarelada, grosseira, com pequenos grãos de areia. Superfícies alisadas e decoradas. A decoração foi feita com a mão ao longo do bordo, sobre a asa e do centro para as extremidades e com estilete e, ou punção em toda a superfície superior. Consta de pequenos círculos incisos e motivos siglares de compreensão indefinida (Fig. 6 e Est. V,1).

## — Asa de testo

Asa de testo com orifício sub-circular. Pasta amarelada com pequenos grãos de areia. Superfícies alisadas e pequeno sulco no topo. Está decorada com pequenos círculos incisos imperfeitos (Fig.7,2 e Est. V,3).

## — Asa de testo

Fragmento de asa de testo com pasta amarelada, grosseira e grãos de areia. Superfícies alisadas e indícios de círculos incisos no arranque da asa e de um sulco feito no topo com a mão. (Est. V,9).

Fragmento de testo com pasta amarelo-rosada, grosseira. Vestígios de decoração à base de pequenos círculos incisos na superfície exterior (Fig. 7,1 e Est. V,4).

O forno da Correlhã é o terceiro que nos últimos anos escavamos na Ribeira Lima. O primeiro situa-se na vizinha Quinta do Paço da freguesia da Facha e o segundo no Paço de Calheiros<sup>4</sup>. Mas outros houve na

---

<sup>4</sup> ALMEIDA, Carlos A. Brochado de — *Proto-História e romanização da bacia inferior do Lima*, Viana do Castelo, 1990. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; LEAL, António J. da Cunha — *O forno cerâmico da Quinta do Paço*, in «Actas do Colóquio Manuel de Boaventura», Vol. II, Esposende, 1988, pp. 9-28; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii — *O forno cerâmico de Calheiros (Ponte de Lima)* Sep. de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXVII, Porto, pp.137-146.

freguesia de Lanheses<sup>5</sup> e a atentar na toponímia, também na freguesia da Facha<sup>6</sup>, paredes-meias com a via romano-medieval que, vinda dos lados de Barcelos através da portela da Facha, entroncava na via XIX, nas imediações da ponte romana lançada sobre o Lima entre Arcozelo e Ponte de Lima<sup>7</sup>.

Localizada numa área de deposição quaternária, com barros de relativa qualidade, não admira que bem cedo eles tivessem sido aproveitados no fabrico de materiais cerâmicos, entre os quais necessariamente avultavam os utilizados na construção civil.

Estruturalmente trata-se de um forno preparado para cozer sobretudo materiais de construção, tais como telha, seja ela a tégula romana ou o ímbrex mais actual, elementos de colunas, tijolos compactos e tijoleira de pavimento. Tal facto não invalidou que, sempre que necessário, tenha cozido igualmente cerâmica comum. A comprovação vem precisamente da última fornada, aquela com que deparamos no decorrer da escavação.

A câmara de cozedura encontrava-se repleta de fiadas de ímbrices análogos aos que aparecem em estações da Baixa Idade Média. Nos topos e no enfiamento dos buracos, por onde passava o ar quente, havia testos decorados semelhantes a alguns bem conhecidos, provenientes do Castelo de Faria e, mais recentemente, da necrópole das Barreiras em Fão (Esposende)<sup>8</sup>.

Tal facto acabou por comprovar que os materiais a cozer podiam ser mistos e que a cronologia deste forno rondava, no seu término, o séc. XIII ou os alvares do XIV, já que fragmentos de testos da necrópole das Barreiras aparecem acompanhados de moedas que vão de D. Afonso II a D. Dinis e D. Afonso IV.

Se o abandono abrupto — a última fornada não chegou a ser cozida — se poderá explicar por morte ou fuga do seu proprietário<sup>9</sup>, já mais difícil será apontar o início do seu funcionamento.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Carlos A. Brochado de — o.c., pp. 204-205.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de, et alii — *Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha*, Ponte de Lima, 1981, pp. 4-6; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; LEAL, António J. da Cunha — o. c.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Carlos A. Brochado de — *A rede viária do Conventus Bracaraugustanus; Via Bracara Asturicam Quarta*, in «Mínia», 2.ª série, Ano II, n.º 3, Braga, 1979; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de — *Proto-História...*, pp. 253-254; ALMEIDA, Carlos A. Brochado de — *Uma viagem ao passado arqueológico de Balugães*, in «Barcellos-revista», 2.ª série, Vol. 1, Barcelos, 1990, pp. 131-146.

<sup>8</sup> Esta estação arqueológica continua em escavação.

<sup>9</sup> Entre as muitas hipóteses que poderíamos apontar para caracterizar a situação vivida na região nesta altura, destacam-se as crises do séc. XIV, nomeadamente a Peste Negra, a situação de fome endémica, a má situação agrícola e, na parte final, as guerras contra Castela.



A área de implantação do forno fica na periferia do Paço da Correlhã, bem junto à velha via romano-medieval. Trata-se de uma zona plana, fértil e propícia à implantação de uma unidade de exploração agrícola característica dos finais do mundo romano, como sucede, aliás, na Quinta do Paço Velho da Facha.

No Paço da Correlhã as tégulas dispersam-se por várias centenas de metros e num muro recolhemos, recentemente, um capitel do tipo toscano-provincial<sup>10</sup> bastante maltratado, mas mesmo assim capaz de sugerir uma filiação tardo-romana.

Na zona adjacente ao forno não faltam também as tégulas e numa primeira análise, não nos admiraria que este ou qualquer outro tivesse fabricado os materiais cerâmicos de construção, em especial os de cobertura para os edifícios da «villa» romana e respectivas dependências. Assim aconteceu na vizinha «villa» da Quinta do Paço Velho da Facha, com o forno localizado a umas centenas de metros para Nascente a produzir a sua telha de cobertura.

Estas unidades agrárias eram por vezes bem extensas, com território descontínuo e com as suas unidades básicas instaladas onde a matéria-prima abundasse. O que nos leva a pensar que nos finais do mundo romano, início da ocupação suevo-visigótica, já aqui havia uma unidade produtora de materiais cerâmicos, é o facto de ter sido recolhida no interior e imediações do forno algumas cerâmicas com a superfície exterior «vassourada» (Est. V,2), um tipo de produções já bem nossas conhecidas de estações como a «villa» da Quinta do Paço Velho da Facha, ou povoados como os do Sabugueiro (Poiars) e Vilarinho (Seara) onde acompanham outras que, pelas suas características, se podem considerar imitações regionalizadas das cerâmicas gaulesas que Rigoir apelidou de «páleo-cristãs»<sup>11</sup>.

Um outro factor ajuda a recuar pelo menos para a Alta Idade Média a construção do forno. Trata-se do aparecimento de fragmentos de tégula não cozida e de, na composição da grelha, entrarem pequenos bocados do mesmo material com claros indícios de terem aguentado temperaturas elevadas. Ambas terão sido fabricadas nesta olaria e posteriormente usadas como material de apoio e consolidação dos arcos e grelha ou abandonadas como entulho.

É ponto mais ou menos assente que a cronologia para o uso e fabrico da tégula é hoje mais dilatado, aceitando-se que a mesma tenha atingido o período moçárabe. Pelo menos no Norte de Portugal aparece a

<sup>10</sup> Encontra-se depositado no Museu dos Terceiros em Ponte de Lima.

<sup>11</sup> RIGOIR, J. — *La céramique paléochrétienne sigillée grise*, «Provence Historique», Vol. X, Marseille, 1960.

acompanhar pedras com almofadado por vezes decorado com losangos como as que se documentam nas igrejas de Santa Maria de Geraz do Lima<sup>12</sup> (Est. IV,1), Bertianos, S. Simão da Junqueira (Mazarefes) necrópole da Igreja Velha (Meadela)<sup>13</sup> e alicerces da capela românica de Santa Eulália de Refojos do Lima.

Um outro dado a ter em conta é o que está relacionado com a própria estrutura do forno. Esta, como atrás se referiu, é assimétrica e possui um nítido desajuste entre a boca e o primeiro arco que sustenta a grelha. Numa análise primária poderíamos ser tentados a atribuir tal facto à inépcia do construtor, mas se analisarmos com mais cuidado todo o conjunto somos levados a admitir que tal pode resultar de uma posterior remodelação.

Queremos com isto dizer que o forno, na sua fase terminal, poderá ser uma miscelânea cronológica. Do período inicial restará somente a caixa e os dois arcos que fazem a ligação entre a boca do forno e a câmara de aquecimento. À Idade Média Portuguesa, pertencerá a grelha e o conjunto dos arcos que a sustentam e onde se destaca um bocado de colunelo a servir de base de apoio a um dos arcos mais próximos da boca do forno. Da análise sumária ao modo como foram construídos os arcos, fica a impressão que estes estão bem mais próximos dos congéneres do Paço de Calheiros<sup>14</sup> e Barreiras de Alvarães<sup>15</sup>, que dos fornos do Paço da Facha, do Eixo (Aveiro)<sup>16</sup>, e de Vila Fria (Viana do Castelo)<sup>17</sup> bem mais em consonância com os modelos tradicionais conotados com o mundo romano.

<sup>12</sup> A recente escavação do interior da igreja paroquial de Santa Maria de Geraz do Lima (Viana do Castelo), mostra até que ponto a tégula foi usada no lastro de sepulturas ou na confecção das próprias paredes laterais (tipo triangular) no período que medeia entre o Reino Visigótico e o período Moçárabe.

<sup>13</sup> Agradecemos ao Dr. Alberto Antunes Abreu, arqueólogo responsável pela intervenção arqueológica, a informação que muito amavelmente nos forneceu.

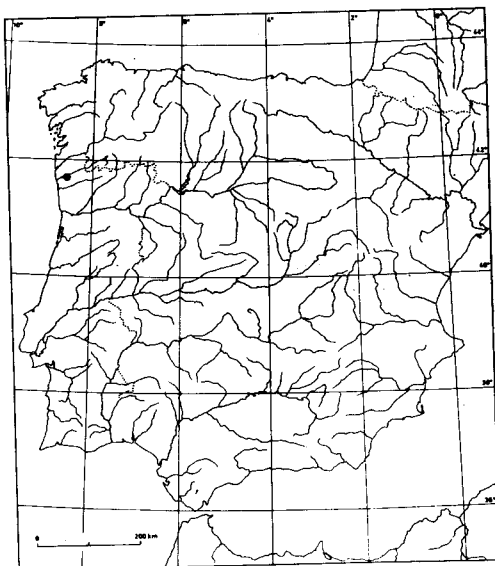
<sup>14</sup> ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii — *O forno cerâmico de Calheiros*, o.c.

<sup>15</sup> Este forno encontra-se numa zona de extracção de barro que está inundada pelas águas provenientes das chuvas. A sua escavação só será possível em pleno verão e em ano muito seco. Quando da sua descoberta foi possível observá-lo e saber-se que, tecnicamente, pouco difere deste e do situado no Paço de Calheiros.

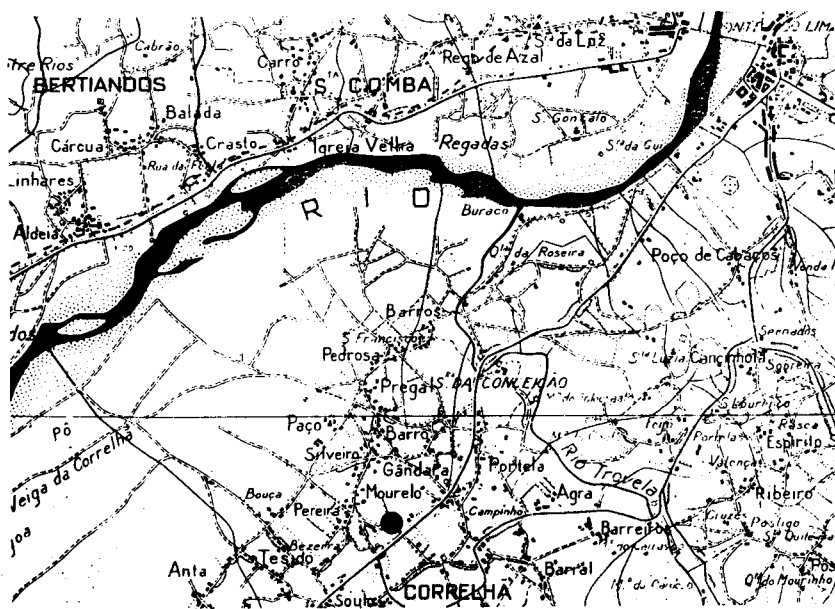
<sup>16</sup> ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Artur Jorge Leite de; LEAL, António J. da Cunha — *O Forno Cerâmico Romano do Eixo — Aveiro*, «Portugália», nova série, Vol. VIII, Porto, 1987.

<sup>17</sup> Este forno, muito destruído, apareceu recentemente. Está situado no limite geográfico da freguesia de Vila Fria com a de Chafé. O seu estudo está a ser efectuado pelo Dr. António J. da Cunha Leal dos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo a quem agradecemos a informação.

Figura 1

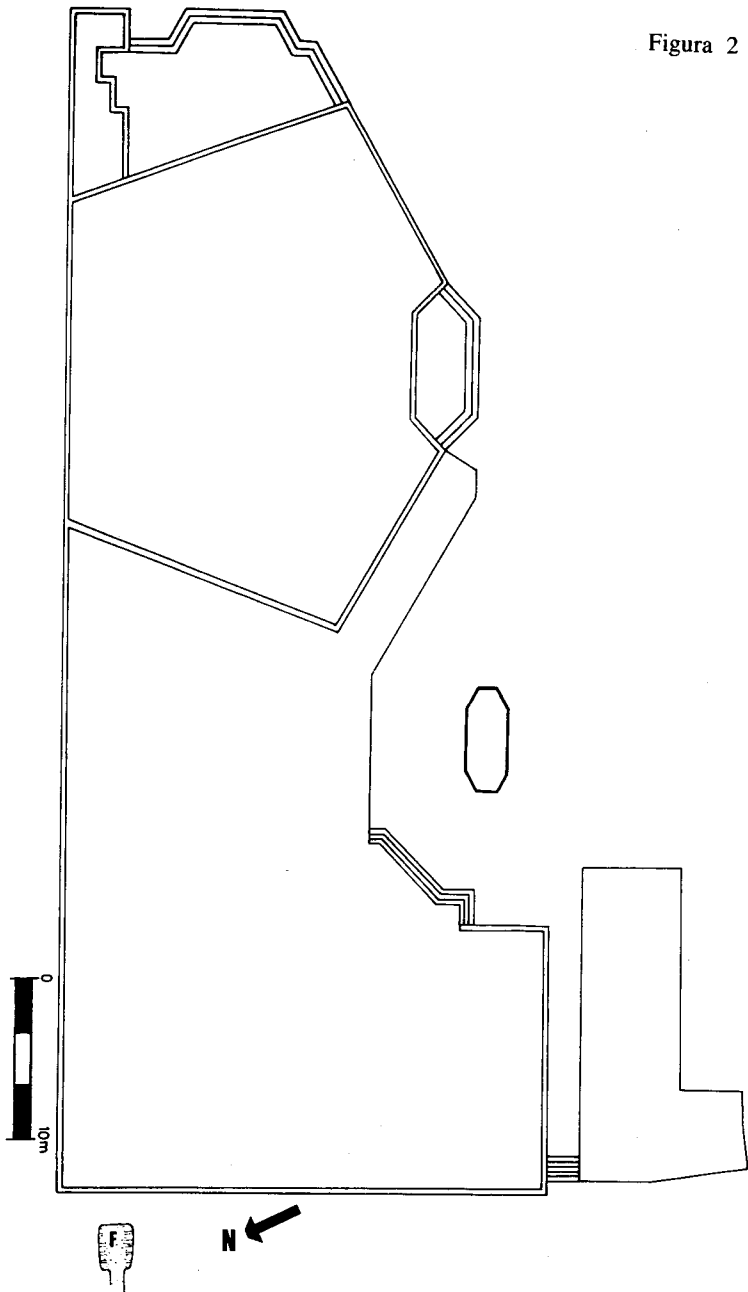


1 — Localização da Correlhã na Península Ibérica



2 — Localização do forno, Carta Militar, 1:25.000, n.º 28

Figura 2



Localização do forno do Centro Paroquial e Social da Correlhã

Figura 3

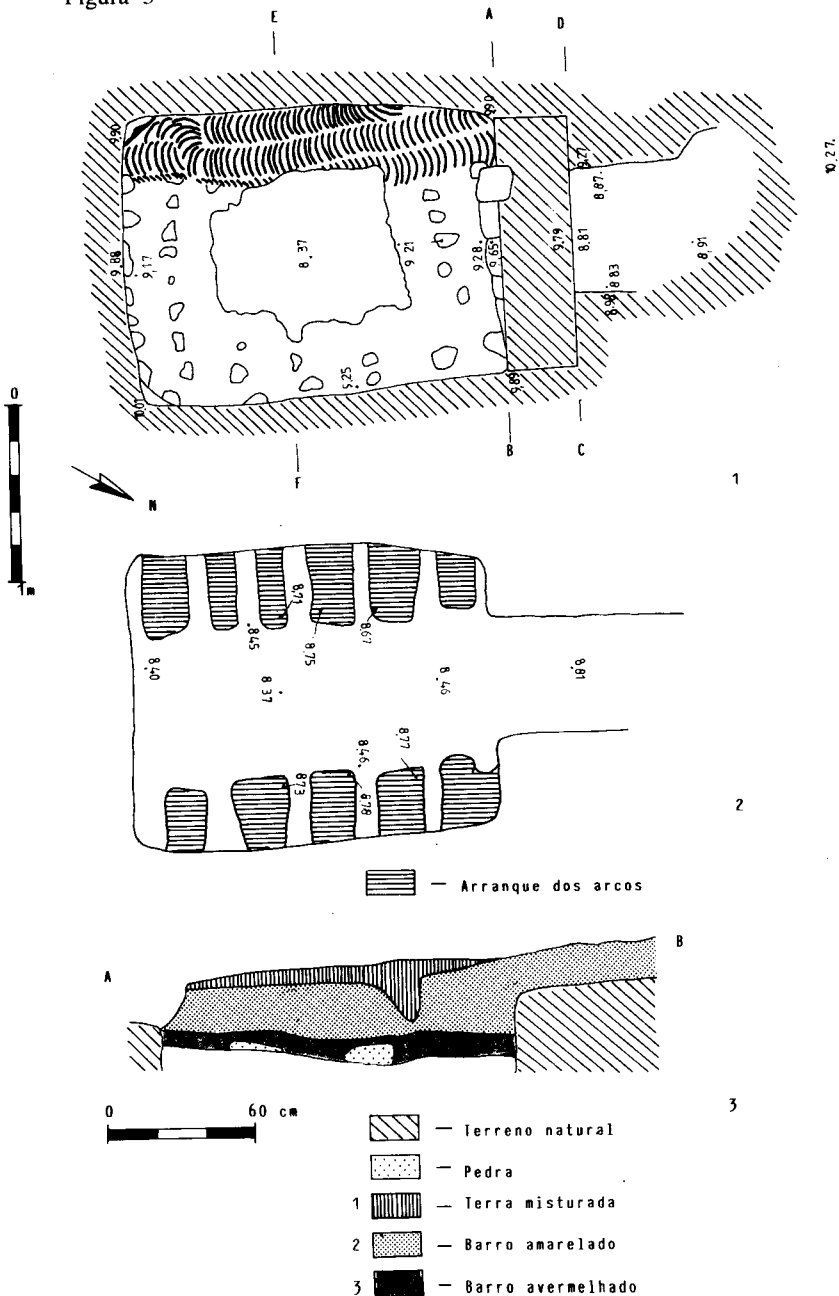
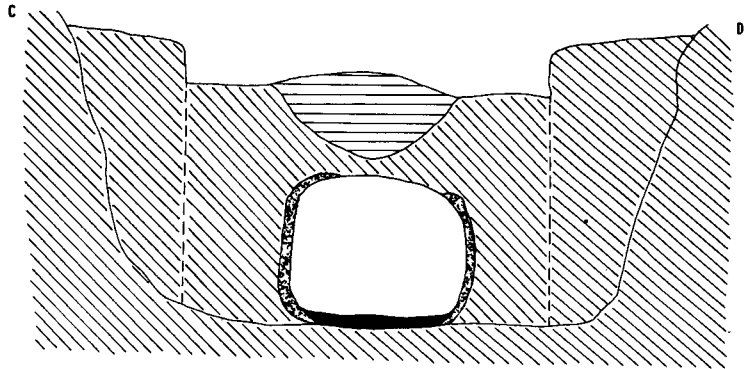






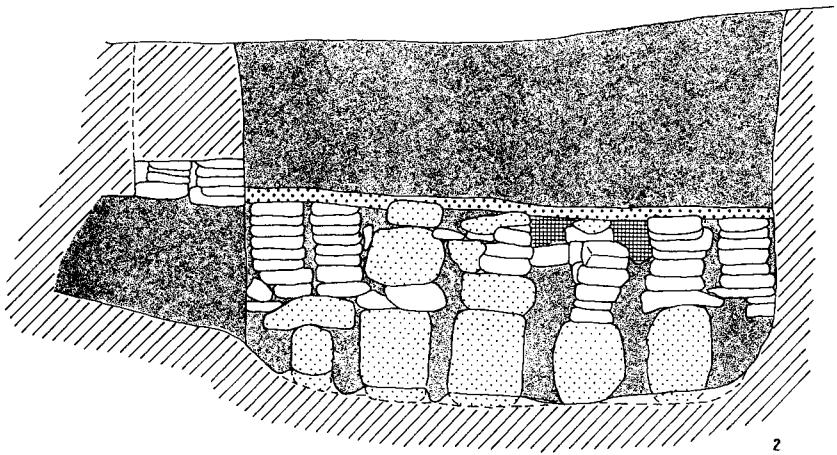
Figura 4









0 60 cm

-  - Terreno natural
-  - Violação
-  - Revestimento da boca do forno
-  - Cinzas

1

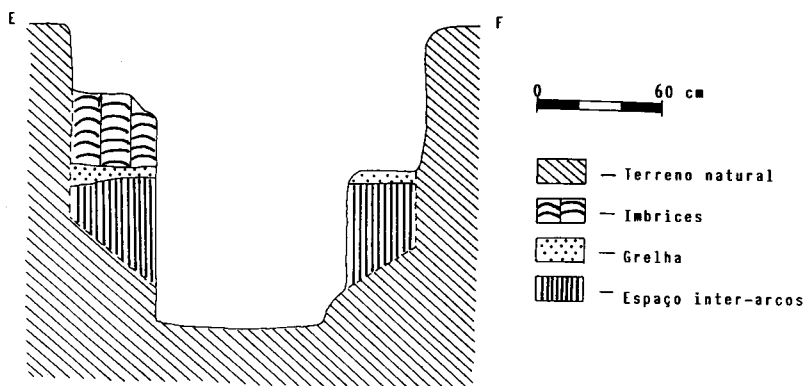


0 60 cm

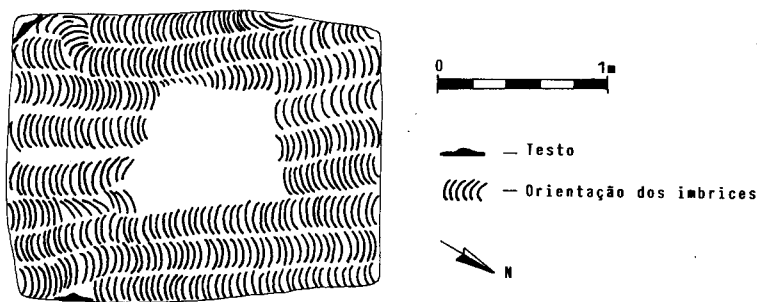
-  - Terreno natural
-  - Grelha
-  - Câmaras e boca do forno
-  - Barro de revestimento
-  - Pedra
-  - Tijolo

2

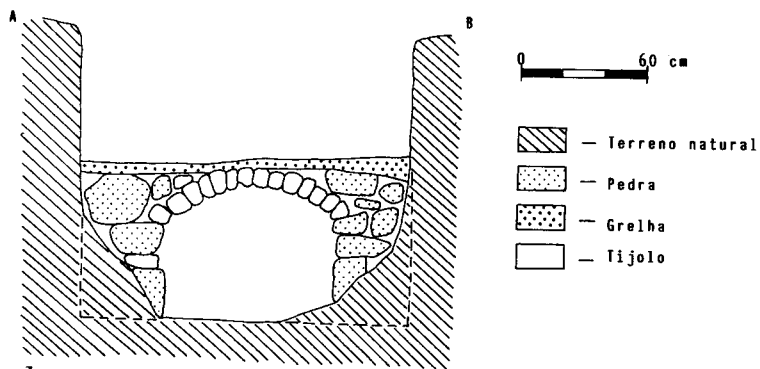
Figura 5



1



2



3

Figura 6

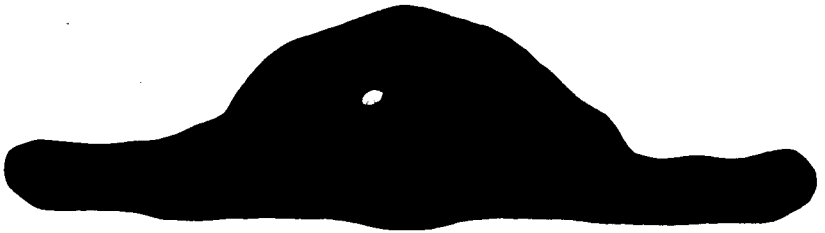
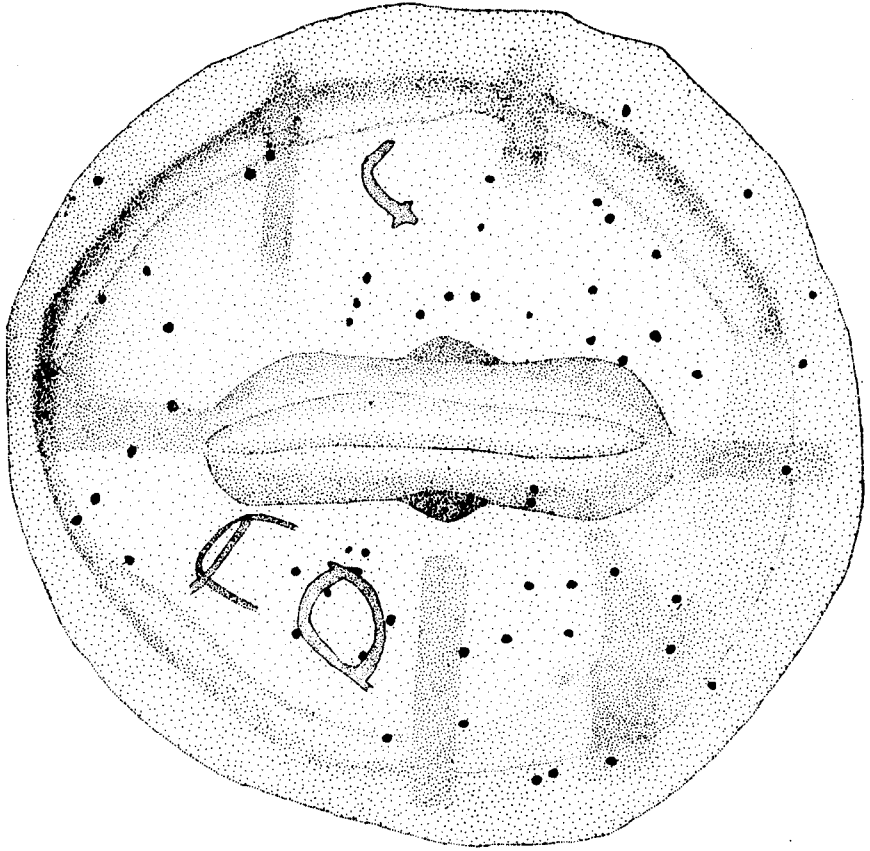
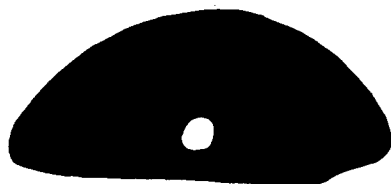
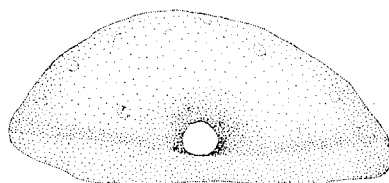
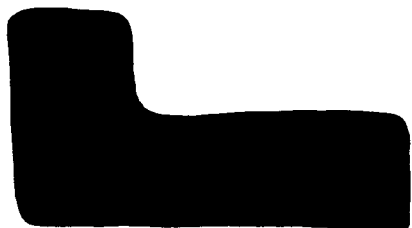
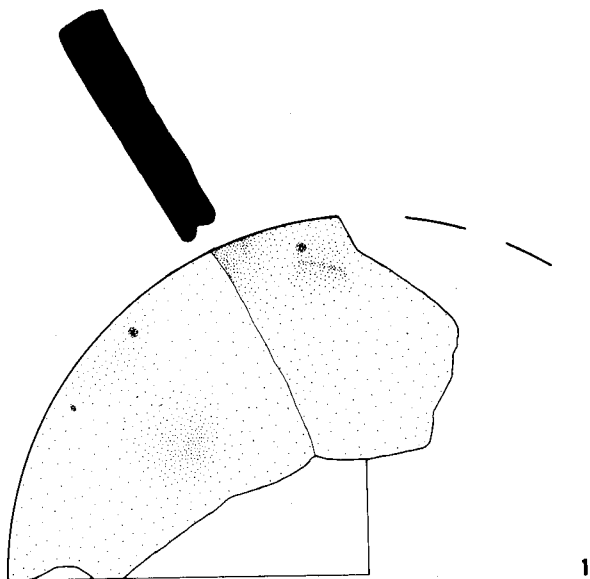
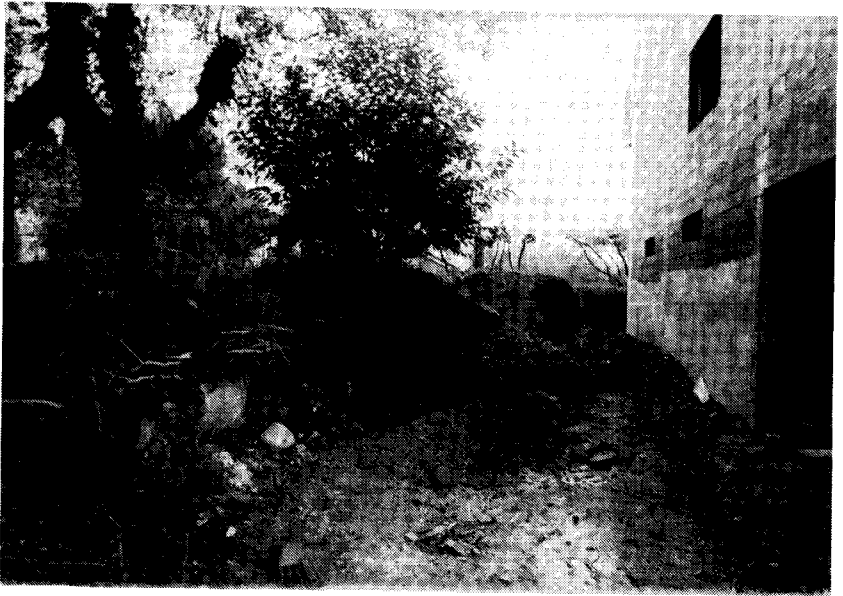




Figura 7





Estampa I,1  
1 — Localização do forno cerâmico



Estampa 1, 2  
2 — Início da escavação do forno cerâmico



Estampa II, 1  
1 — Câmara de cozedura contendo ímbrices da última fornada



Estampa II, 2



Estampa III, 1

1 — Pormenor de um dos arcos que sustenta a boca do forno cerâmico



Estampa III, 2

2 — Vista parcial da câmara de aquecimento e da grelha



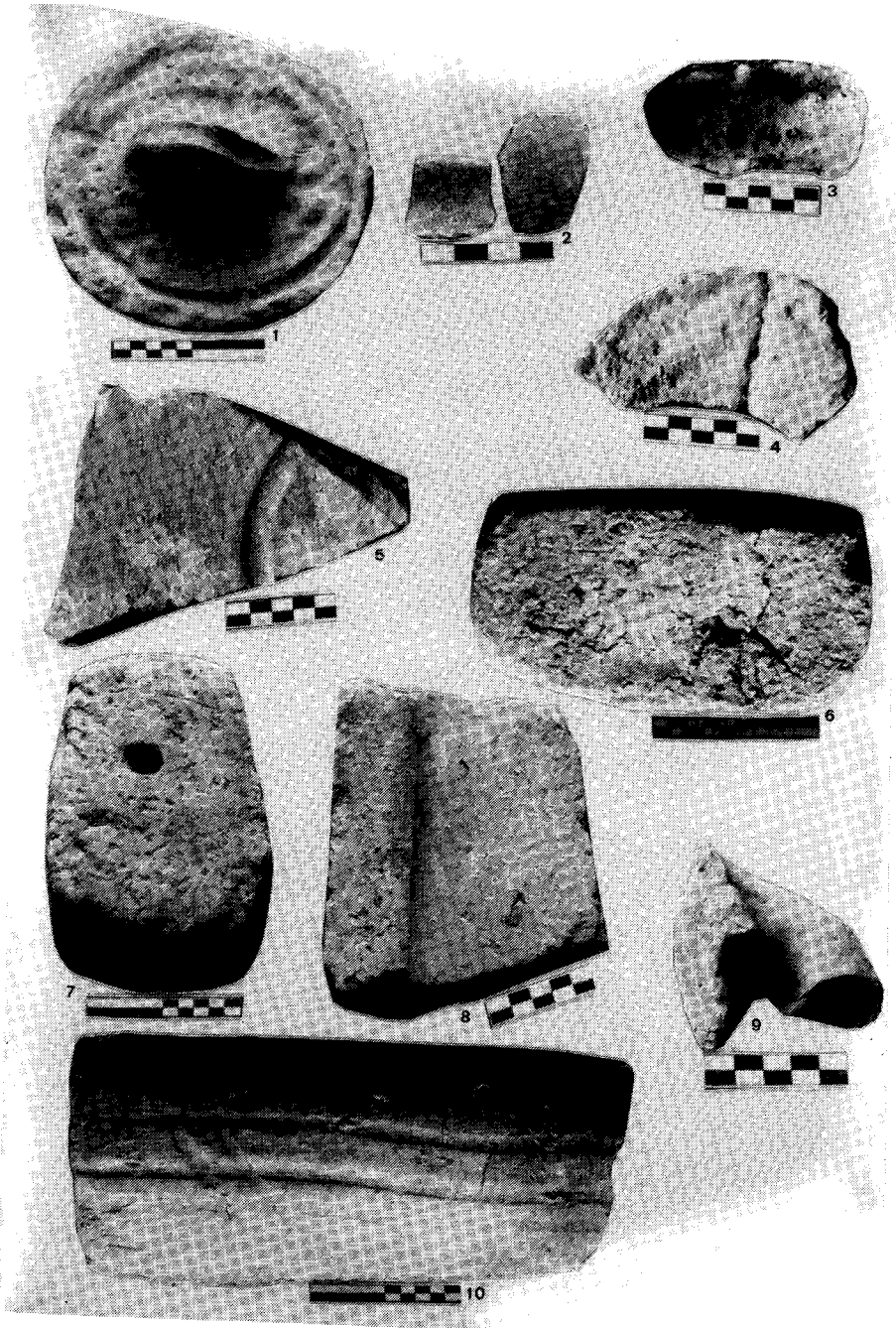
Estampa IV, 1  
1 — Entrada de acesso à câmara de aquecimento





Estampa IV, 2

2 — Pedra almofadada com decoração reticulada da Igreja de Santa Maria de Geraz do Lima (Viana do Castelo)



Estampa V